

A REESCRITA DE RESUMOS: PRODUÇÃO TEXTUAL NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS

Fellype Lima Alves da Costa (UNEAL)*
felipeffcosta@bol.com.br
Orientadora: Iraci Nobre da Silva**
(UNEAL)
penedoiraci@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir a importância da reescrita na produção de resumos de alunos do curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL- campus III). Para essa reflexão, busca-se apoio teórico em discussões acerca das estratégias necessárias para a realização de resumos (MATENCIO, 2002; MACHADO, 2004); nos estudos sobre o texto (KOCH, 2003, 2004, 2012; MARCUSCHI, 2008) e em abordagens a respeito da falta de aprendizagem dos alunos egressos do ensino médio (FRANCHI, 1998). O *corpus* desta pesquisa é composto por resumos de alunos do primeiro período do curso de Letras da UNEAL em Palmeira dos Índios, os quais são o público-alvo do projeto de pesquisa “Retextualização e reescrita: aperfeiçoamento de práticas discursivas de alunos do primeiro período do curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas”. Tal projeto, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL) em parceria com a UNEAL, atualmente está em andamento. No entanto, através da análise do *corpus*, já é possível apresentarmos os resultados parciais. Os dados revelam que a maioria dos estudantes que ingressam no ensino superior desconhece: 1) a noção de língua enquanto atividade interacional; 2) a noção de texto enquanto ação cognitiva, social e histórica e 3) as principais estratégias necessárias à produção de um resumo. Nossas análises apontam, sobretudo, para a necessidade de se incluir a reescrita como meio de os alunos minimizarem os problemas enfrentados em suas produções, que impedem, inclusive, que seus propósitos comunicativos sejam efetivados. Entendemos, ainda, que a reescrita pode contribuir para que haja mudança no modo como esses alunos ingressantes no curso superior compreendem a língua e o discurso. Destarte, apesar de partirmos de uma realidade local, pretendemos estender a discussão para além de nosso local de trabalho, de modo que nossas considerações permitam que se reflita também sobre a produção textual em outras instituições de ensino superior.

Palavras-chave: Reescrita. Resumos. Produção textual.

Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir os resultados parciais do projeto de pesquisa “Retextualização e reescrita: aperfeiçoamento de práticas discursivas de alunos do primeiro período do curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas”, financiado pela FAPEAL em parceria com a UNEAL e coordenado pela Professora Mestra Iraci Nobre da Silva. O intuito do projeto é, através de atividades de produção propostas por um bolsista, incluir a reescrita como estratégia para que as dificuldades encontradas na produção dos alunos, especialmente àquelas ligadas à adequação ao gênero discursivo resumo, fossem minimizadas. Para a realização das atividades, o projeto contou com o apoio do Laboratório de Textos, um espaço físico destinado às aulas expositivas, às produções e as orientações

* Graduando em Letras\Português da Universidade Estadual de Alagoas

** Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Alagoas

individuais. Participaram das atividades no Laboratório alunos ingressantes no curso de Letras/ Português e Letras/Inglês, os quais estavam matriculados na disciplina Leitura e Produção de Textos, ministrada pela idealizadora do projeto.

Inicialmente, foi feito um diagnóstico da escrita dos alunos recém-chegados ao curso de Letras, com o objetivo de avaliarmos as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos na produção de um resumo. Nessa primeira etapa, percebemos que a maioria dos alunos apresentavam noções equivocadas a respeito desse gênero, entendido como cópia das partes relevantes de outro texto. Além do mais, quase todos os alunos apresentavam uma concepção de língua estruturalista, provavelmente devido a um ensino descontextualizado, que não expõe os alunos às diversas situações de uso da linguagem.

Por meio de uma metodologia que partiu de diagnósticos – para se verificar também qual o conhecimento prévio trazido pelo aluno- para, em seguida, apresentar conceitos teóricos, concepções de língua, texto, gêneros textuais, dentre outros, permitimos que os estudantes tivessem o contato direto com textos em situações reais de comunicação. Nesse sentido, entendemos que a escolha pelo resumo se justifica por ele ser um dos gêneros mais solicitados no ensino superior, seja para que o professor avalie a compreensão do aluno sobre determinado assunto, seja com outros propósitos comunicativos. Ministradas as aulas necessárias, que se concentraram nas especificidades do gênero resumo (cf. Matêncio, 2002; Machado, 2004; Marcuschi, 2008), os alunos foram orientados individualmente para a reescrita.

Assim, apresentaremos os resultados de produções antes e depois da reescrita, com todos os problemas verificados nas primeiras produções e minimizados nas demais produções. No entanto, vale a pena salientar que, mesmo após as orientações individuais, alguns alunos não conseguiram “sanar” as dificuldades enfrentadas. Os resultados que discutiremos aqui são provenientes da análise sistemática de um corpus de 40 textos produzidos pelos participantes do projeto, dos quais serão apresentados quatro para a discussão.

1. Concepções de língua, sujeito e texto.

A questão das concepções de língua, sujeito e texto é de inquestionável interesse para os estudiosos do texto/discurso. É consenso entre os pesquisadores da Linguística Textual que a concepção de língua influencia o ensino da produção textual, uma vez o texto pode ser visto tanto como um produto acabado quanto como um processo contínuo. A respeito das concepções de sujeito, Koch (2003, p. 14) afirma que a noção de língua como estrutura corresponde a um entendimento de um sujeito determinado pelo inconsciente, isto é, *assujeitado* pelo sistema. Essa concepção exclui toda forma de interação dos sujeitos com o mundo que o cerca, de sujeito portador de um discurso e com uma intenção comunicativa.

Ainda de acordo com a autora, ao adotar, pelo contrário, uma concepção dialógica de língua, os sujeitos são vistos não como determinados pelo inconsciente, mas interlocutores, os quais participarão da atividade comunicativa como construtores sociais. Assim, a compreensão torna-se “uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos” (p.17). Tem-se, portanto, um sujeito ativo na produção de sentidos que dependem não só dos elementos linguísticos dispostos no texto, mas do conhecimento de mundo dos interlocutores.

Ao incluir essa discussão no âmbito do ensino, Marcuschi (2008) afirma que para um ensino de leitura e produção textual contextualizado, a posição adotada pelo professor deve ser a de sujeito interacional, pois, assim como Koch (2003), o autor entende que as práticas comunicativas efetivas nos gêneros textuais não se resumem ao conhecimento do código, mas negociação entre produtor, leitor e o próprio texto. Assim como a visão de texto adotada por esses autores, em que aquilo que mais importa é a funcionalidade da língua (seu

uso real, e não a forma), o ensino de língua portuguesa e de leitura e produção de textos deve fornecer subsídios para que o estudante domine o uso da língua nas diversas práticas comunicativas.

2. A produção textual na educação básica

Este projeto, ao propor a reescrita e a retextualização como estratégias para o desenvolvimento das habilidades nas práticas discursivas da Universidade, teve como maior objetivo tornar consciente o aluno ingressante no ensino superior de que o texto não é algo acabado, e que ele deverá empenhar-se na atividade como próprio produtor de sentidos. Mais precisamente, partindo do curso de Letras, o projeto pretende contemplar os alunos do primeiro período do curso da Universidade Estadual de Alagoas, Campus III que tem a Leitura e Produção de Textos como disciplina obrigatória em sua matriz curricular.

Dentre os motivos para que um aluno ingressante no ensino superior apresente sérias dificuldades na escrita, encontra-se a concepção de sujeito e língua adotados na escola. Um ensino de produção de textos descontextualizado, que tenha como principal finalidade o domínio da gramática normativa, pode levar o estudante a compreender a língua como um mero código linguístico utilizado para formar sentenças. Ele certamente reproduzirá essa visão em suas atividades de escrita na universidade, tendo pouca (ou nenhuma reflexão) acerca das estratégias para o processamento textual.

Franchi (1998) retrata a realidade da falta de aprendizagem dos alunos que estão saindo do ensino médio:

De um lado, os alunos são submetidos a contínuos trabalhos com notas, questionários que chegam a lhes causar tensões e ansiedades; de outro lado, recebem da escola um mundo de conteúdos insólitos que não têm nem significação nem utilidade imediata para eles. Conteúdos separados da realidade cotidiana, de uma prática real. Conteúdos fechados ou fracionados que devem ser assimilados por todos durante um ano. (FRANCHI, 1998, p.14).

É pertinente frisar que algumas escolas não exercem papel de formação de consciência crítica no aluno, contribuindo muito pouco para o seu conhecimento sociocultural. O sujeito é tido como decodificador do signo linguístico, sendo obrigado a escrever textos sem um porquê, criar interlocutores e situações que na prática não existem. Ao contrário do que se faz na escola, este projeto, ao entender a prática de produção de textos como uma atividade complexa de produção de sentido, este projeto pretende fornecer meios para que o estudante, a partir do conhecimento prévio, arquivado na memória, lance mão de estratégias para o processamento e aperfeiçoamento da escrita. O que facilitará a compreensão textual por parte do leitor.

3. Procedimentos metodológicos

Na primeira etapa foi feito um diagnóstico, através de atividades de produção de texto com alunos do 1º período do curso de Letras, no intuito de elencar os problemas mais frequentes por eles apresentados na produção escrita.

Na segunda etapa, realizou-se a revisão da literatura para subsidiar os participantes do projeto, na apropriação das principais correntes e metodologias da Linguística Textual. A terceira etapa consistiu na análise dos problemas mais frequentes, apresentados por os alunos na produção escrita, através do diagnóstico.

A quarta etapa constou em aulas-expositivas sobre gêneros discursivos e suas práticas na Universidade. Nessa etapa, os alunos entraram em contato com textos teóricos de sua área do conhecimento, bem como no domínio do discurso científico. Na quinta etapa os alunos foram orientados, individualmente, para produção e retextualização de um resumo. Nessa fase foi feito um acompanhamento no intuito de minimizar os principais problemas evidenciados nas produções referidas. Assim, poder entender as noções de língua e textos estudados na etapa anterior.

Na sexta etapa os alunos foram orientados, individualmente, para a reescrita das retextualização, de modo que compreendam as principais estratégias textual-discursivas envolvidas na produção desse gênero discursivo.

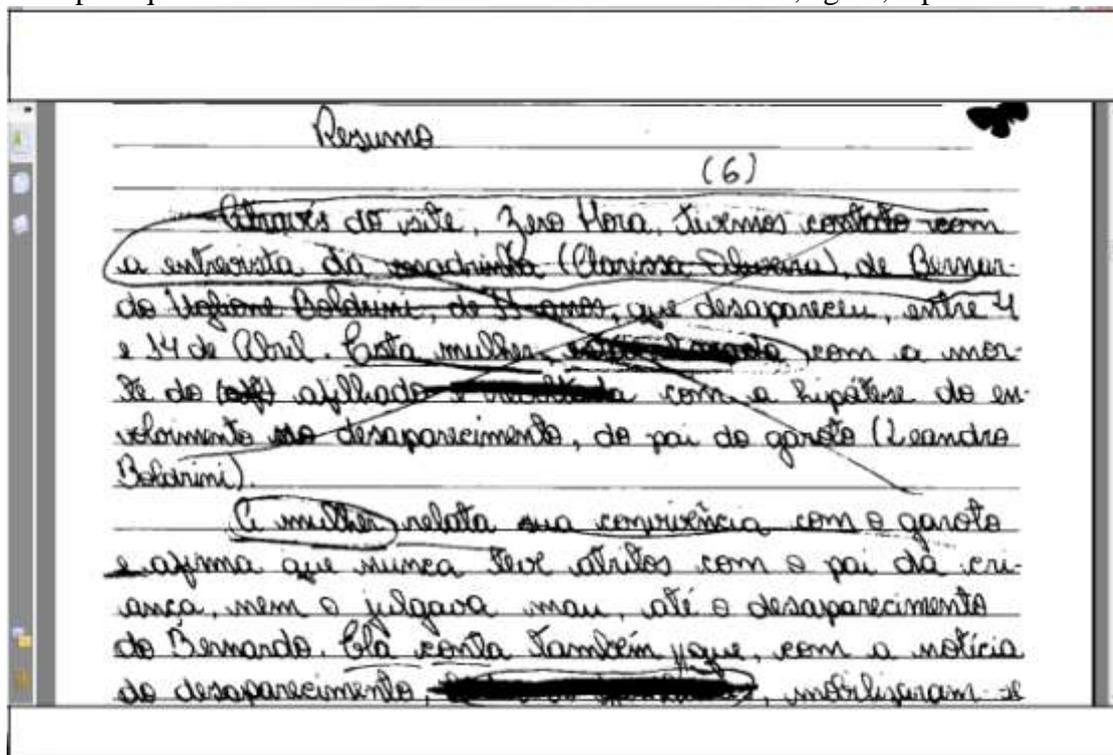
4. O gênero resumo

A ação de resumir pressupõe a seleção das partes mais relevantes de um texto com o propósito de demonstrar que se teve acesso ao texto original ou com a intenção de um texto com novos propósitos comunicativos. De acordo com Matêncio (2002), resumir significa selecionar as macroproposições de um texto base, de modo que a nova produção seja fiel às idéias contidas nele. Nesse sentido, não se pode dizer que resumir é copiar partes de um texto, uma vez que existem estratégias (como a paráfrase) específicas para se proceder a um resumo. Com relação ao gerenciamento de vozes no texto, ao analisar resumos feitos por estudantes universitários, Matêncio (2002) constata que não se deve mencionar o nome do autor do texto base no resumo, de modo que o texto resumido não deve fazer referência direta ao texto base. Ou seja, expressões como “o autor afirma”, “de acordo com o texto”, “segundo o autor”, dentre outras não deve conter no resumo. Embora 50% dos alunos não tenham feito menção ao nome do autor na retextualização, isso não significa dizer que os resumos não contenham as marcas do autor do texto base. Elas foram verificadas através de cópias de trechos do texto base que o produtor considerou relevantes e utilizou no resumo. É nesse sentido que se percebe a dificuldade dos alunos em produzirem uma retextualização. Para as orientações nas reescritas dos resumos, seguiremos as estratégias de Machado (2004, p. 26); a saber:

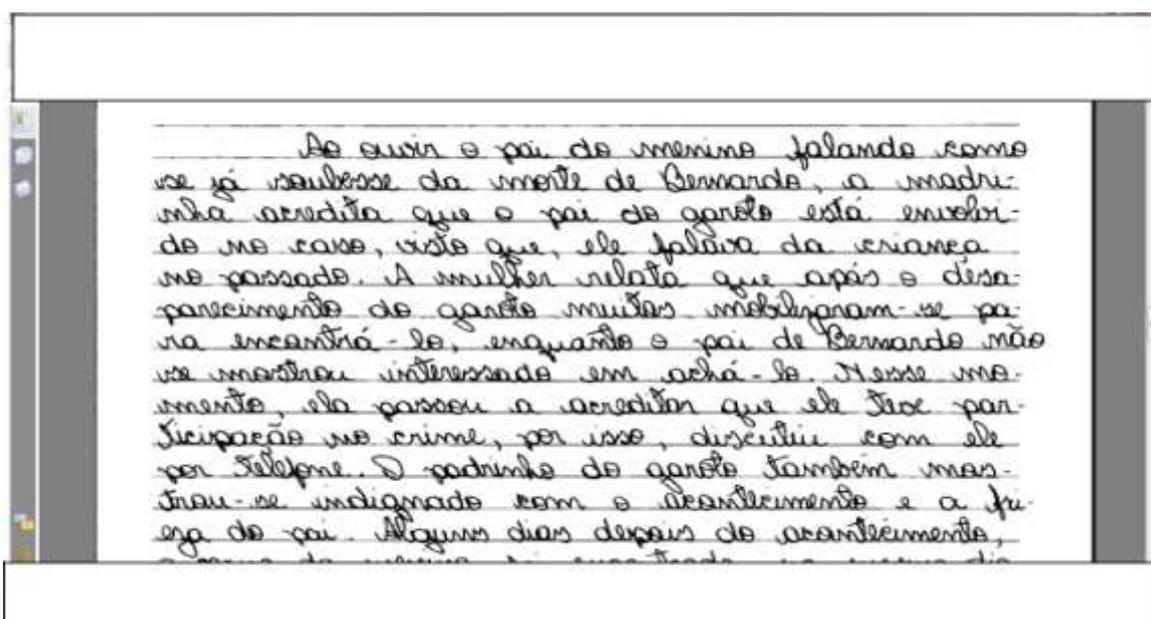
- Apagamento de conteúdos facilmente inferíveis a partir de nosso conhecimento de mundo.
- Apagamento de sequências de expressões que indicam sinonímia ou explicação.
- Apagamento de exemplos.
- Apagamento das justificativas de uma afirmação.
- Apagamento de argumentos contra a posição do autor
- Reformulação de informações, utilizando termos mais genéricos.
- Conservação de todas as informações, dado que elas não são resumíveis.

5. Análise do corpus

conferindo mais adequação ao gênero resumo. A reescrita, aliada a uma orientação individual, foi essencial para que essas dificuldades fossem sanadas. Observe-se, agora, o próximo texto.



Além de todos os outros problemas já mencionados anteriormente, nesse texto o estudante cita a fonte de onde foi pesquisado o texto-base. Para fazer relação a ele, o estudante erroneamente usa a expressão “tivemos contato” no resumo, o que também não é recomendado pelos autores referenciados. No primeiro parágrafo há outro agravante, que é a expressão do ponto de vista do produtor do resumo, evidenciado pela constatação pessoal “esta mulher está abalada” (forma riscada). Esse tipo de constatação não cabe em um resumo. O mesmo problema não aparece após a reescrita:



Mais uma vez percebe-se a importância da reescrita como estratégia para o aperfeiçoamento das práticas discursivas universitárias. Ainda que o texto presente

problemas de pontuação e colocação pronominal, as principais dificuldades que impediam que ele funcionasse como resumo foram superadas. A reescrita também possibilitou mais compreensão do texto-base, já que o estudante precisou voltar ao texto para entender quais eram as ideias mais relevantes.

6. Conclusão

Esses resultados parciais mostraram que a maioria dos alunos do estudantes do primeiro período do curso de Letras do campus III da UNEAL não sabiam resumir um texto. Da mesma forma, os resultados apontam para a necessidade de se incluir a reescrita nessa prática discursiva, considerando que ela poderá facilitar a correção, por parte dos alunos, dos principais problemas enfrentados na produção. Conforme aponta Matêncio (2002) não se deve mencionar o nome do autor do texto base no resumo, de modo que o texto resumido não precise ser associado ao texto base para fazer sentido. Assim, a reescrita permitiu que os alunos entendessem os principais equívocos e as principais estratégias necessárias para a produção desse gênero. Pretendeu-se, com esta pesquisa, discutir os resultados de um projeto de pesquisa que contribuiu para o desenvolvimento da competência comunicativa, nas modalidades oral e escrita, dos alunos ingressantes no primeiro período do curso de Letras do campus III da Universidade Estadual de Alagoas, por meio da reescrita, como estratégias para a apropriação de conceitos básicos e inserção nas práticas discursivas universitárias, entendendo a visão de língua como lugar de interação entre os interlocutores, parceiros da comunicação.

7. Referências bibliográficas:

KOCH, Ingedore. Introdução à Linguística Textual. São Paulo. MartinsFontes, 2004.

KOCH, Ingedore. Desvendando os Segredos do Texto. São Paulo. 2. Ed. Cortez, 2003

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. Ler e escrever: estratégias de produção textual. São Paulo. Contexto, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo. Parábola, 2008.

_____. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo. Cortez, 2003.

MACHADO, Anna Rachel. Resumo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004

MATENCIO, M.L.M. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. SCRIPTA, Belo Horizonte, v.6, n.11, p. 109-122, 2º sem. 2002 <disponível em:http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta11/Conteudo/N11_Parte01_art08.pdf%3E>. Acesso em 10 maio. 2013.

